



VISTA DO RIO DE JANEIRO  
tomada do aqueduto



## **A influência da tratadística europeia na arte brasileira: o caso da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro**

**Sonia Gomes Pereira**

O objetivo deste artigo é examinar a influência da tratadística europeia – especialmente italiana – na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro (AIBA), fazendo o recorte da fase inicial de sua história – na primeira metade do século XIX –, e tomando como objeto de estudo a formação de sua biblioteca – hoje pertencente ao Setor de Obras Raras do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

### **1. As primeiras décadas na trajetória da Academia**

Para tratar desta questão é necessário começar traçando, mesmo que de forma resumida, a trajetória da Academia nas primeiras décadas de sua existência<sup>2</sup>. Apesar de criada por decreto de D. João em 1816, só foi aberta efetivamente em 1826. Contou, nesta fase inicial, com a contratação da chamada Missão Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton e constituída por artistas como o arquiteto Grandjean de Montigny, os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret, o escultor Auguste-Marie Taunay e o gravador Charles Pradier.

Seus primeiros anos de existência foram muito atribulados – em parte pela exigüidade de recursos – mas também pela rivalidade entre os artistas franceses e portugueses. Com a morte de Lebreton, em 1819, é nomeado o pintor português Henrique José da Silva: todo o período em que permaneceu como diretor, até a sua morte, em 1834, é de confronto aberto com os franceses, em especial com Grandjean e Debret<sup>3</sup>.

Somente após 1834 teve início a fase de consolidação da Academia, especialmente devido à atuação do pintor Félix-Émile Taunay – filho do já citado Nicolas-Antoine –, que foi diretor de 1834 até 1851. A importância crescente da Academia neste período pode ser avaliada, de um lado, pela instituição das Exposições Gerais e do Prêmio de Viagem ao Exterior nos anos 1840. Por outro lado, este é o momento em que a Academia começa a desempenhar um papel ativo no projeto político de construção da imagem da nação. Formulado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, este projeto terá claras repercussões, sobretudo na

1 O acervo da antiga Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola Nacional de Belas Artes, foi desmembrado em 1937, quando grande parte de sua pinacoteca passou a constituir o Museu Nacional de Belas Artes. Depois da Escola já incorporada à UFRJ, foi criado o Museu D. João VI em 1979, reunindo todo o acervo antigo da Escola, tanto museu, arquivo e biblioteca de obras raras (PEREIRA, 2008e).

2 GALVÃO, 1954; PEREIRA, 2008b: 383-398.

3 PEREIRA, 2008c: 237-245.

pintura histórica – idéias que aparecem com toda nitidez nos inúmeros discursos de Taunay e que terão grande importância nas décadas seguintes<sup>4</sup>.

Assim, pelo que foi visto neste rápido resumo, a influência da França foi bastante intensa na história inicial da Academia – seja pela atuação dos professores franceses, seja pela presença marcante de Taunay, pintor e intelectual, membro do IHGB e amigo pessoal do imperador D. Pedro II.

## 2. O início da constituição da Biblioteca da Academia

Partindo, portanto, do conhecimento da trajetória inicial da Academia, marcada de forma especial pela influência francesa, podemos passar ao nosso objeto específico de estudo, tentando entender, inicialmente, a constituição de sua biblioteca neste mesmo período.

Sabemos que a biblioteca foi sendo lentamente formada, seja através de doações – sobretudo dos professores –, seja por aquisições realizadas com suas próprias verbas, além de transferências da então Biblioteca Pública<sup>5</sup>.

A fonte mais antiga a respeito de sua formação é um documento de 1827, com uma doação de D. Pedro I:

Sua Magestade o Imperador Reconhecendo quanto pode ser util a obra intitulada – Museu Francez – em cinco grandes volumes, às pessoas que se applicão aos diferentes ramos das Artes do Dezenho e Pintura, e Querendo auxilia-las, Facilitando-lhes os meios do seu adiantamento: Ha por bem que a dita Obra seja collocada na Imperial Academia das Bellas Artes, e franqueada a todos os Professores, que a quizerem consultar, com a expressa prohibição de se remover qualquer dos volumes para fora da mesma Academia. O que participo a v. Mce para sua intelligencia e execução. – Deos guarde a V. Mce. Paço em 1 de Agosto de 1827 – Visconde de São Leopoldo. Snr Henrique José da Silva<sup>6</sup>.

Em 28 de abril de 1835, o governo ordena à Biblioteca Pública que remeta à Academia “Uma coleção completa da Flora Fluminense e igualmente um exemplar de quaisquer obras relativas às Belas Artes, que existam em duplicata na mesma Biblioteca”<sup>7</sup>.

Vários professores fizeram doações, especialmente Félix-Émile Taunay que, “além de doar grande número de volumes de sua propriedade, cuidou, desde o tempo em que exerceu a Secretaria, de organizá-la e torná-la útil”<sup>8</sup>.

Finalmente, podemos saber como era a biblioteca da Academia em torno de 1850 através de um Catálogo manuscrito, cujas folhas estão rubricadas por Taunay, transcrito por Alfredo Galvão<sup>9</sup>.

## 3. Análise do Catálogo da Biblioteca (c. 1850)

O Catálogo da Biblioteca (aproximadamente de 1850) apresenta um total de 84 obras. Do ponto de vista do local da edição, podemos notar que o acervo é constituído por 26 edições italianas, 48 francesas, uma inglesa, uma espanhola, uma portuguesa e sete brasileiras.

No entanto, quando passamos a analisar este Catálogo em relação à temática, esta configuração muda totalmente: 38 livros referem-se à cultura clássica antiga e à arte italiana do Renascimento; 35 tratam da

4 O Arquivo do Museu D. João VI possui os *Livros de Atas da Congregação* da AIBA, contendo inúmeros discursos de Félix-Émile Taunay (1834-1851) em que sempre aparece a referência ao papel que deveria ser desempenhado pela Academia na organização do Estado depois da independência.

5 A melhor fonte para o conhecimento da formação da Biblioteca é o Catálogo organizado em 1957 pelo professor Alfredo Galvão – um dos maiores estudiosos da história da AIBA (GALVÃO, 1957).

6 GALVÃO, 1957: 3-4.

7 GALVÃO, 1957: 4.

8 GALVÃO, 1957: 5.

9 GALVÃO, 1957: 6-10.

cultura francesa; três são sobre arte espanhola; um é de retratos históricos de Portugal; e sete referem-se ao Brasil com temática muito variada.

Antes de analisar cada um destes grupos de livros, é preciso que eu esclareça a maneira como procedi nesta classificação dos livros. Ela não é, de modo algum, ortodoxa, do ponto de vista bibliográfico.

De um lado, tomei a decisão de enquadrar os livros em temáticas genéricas, mas que são de interesse especial para a compreensão da importância da leitura e do manuseio destes livros, em grande parte ilustrados, na prática dos professores e na formação dos alunos.

Por outro lado, como muitos destes livros não mais existem, a classificação teve de ser feita apenas pelo título, por aproximação. Além disso, é importante acrescentar que, na análise que se segue, mantive a grafia dos títulos, conforme aparece na listagem do Catálogo.

Assim, feita a ressalva do caráter geral desta classificação e da grafia dos títulos, vamos examinar cada um dos grupos.

#### 4. Livros referentes à cultura clássica antiga e à arte italiana do Renascimento

Começemos com o grupo de 38 livros sobre a cultura clássica antiga e a arte italiana do Renascimento. Os temas são variados: doze livros sobre pintura, treze de arquitetura, quatro de escultura, um de literatura, um de história e sete livros de viagem.

Entre os livros sobre pintura, há alguns tratados de perspectiva<sup>10</sup>, outros sobre motivos pitorescos e indumentária<sup>11</sup> e vários sobre vida e obra de artistas: a obra clássica de Giorgio Vasari<sup>12</sup>, dois livros sobre Rafael<sup>13</sup>, um sobre Michelangelo<sup>14</sup> e obras gerais, especialmente com retratos dos artistas<sup>15</sup>.

Em relação à arquitetura, há tratados de Serlio<sup>16</sup>, Vignola<sup>17</sup>, Bibiena<sup>18</sup> e de arquitetura civil<sup>19</sup>; obras de Winckelmann<sup>20</sup>; livro de biografias de arquitetos<sup>21</sup>; e registros da arquitetura italiana<sup>22</sup>.

10 Andrex Putei. *Perspectiva Pictorum pars prima*. Ex. tipp. Joannis Zemplel. Roma, 1741 (transferido da Biblioteca Pública), 1 vol.; Andrex Putei. *Perspectiva Pictorum pars secunda*. Ex. tipp. Antonii de Rubeis. Roma, 1737, 1 vol. (ambos transferidos da Biblioteca Pública); *Elementi di prospettiva secondo li principii di Brook Taylor et Padre Francesco Jacquier*, 1 vol.

11 *Nuova raccolta di cinquanta motivi Pittoresche e costumi di Roma* – B. Pinelli. Roma: Presso Lorenzo Lazzari, 1810, 1 vol.; *Raccolta di Cento Costumi antichi Ricavati dai monumenti, e degli Autori Antichi, Designati ed incisi all'acquaforte de Bartolomeo Pinelli*. Roma: Presso Luigi Faori, 1 vol.; *Raccolta di cinquanta costumi di Napoli* – B. Pinelli. Roma: Presso Gio Sardellari, 1817, 1 vol.

12 *Vite dei pittor Vasare*, 3 vols. (Oferecido por Granjean Montigny).

13 *Histoire de la vie et des ouvrages de Raphael par Quatremère de Quincy*. Paris: Firmin Didot, 1835, 1 vol. (Oferecido por M. Araújo Porto-Alegre); Um caderno de gravuras tiradas do Vaticano – Raphael de Urb., 1 vol.

14 *Histoire de la vie et des ouvrages de Michel Ange Buonarote par Quatremère de Quincy*. Paris: Firmin Didot, 1835, 1 vol. (oferecido por M. Araújo Porto-Alegre).

15 Museo Fiorentino – *retratti degli eccellenti pictori dipinti di propria mano coole vite in compendio de medesimi discreti da Francesco Moucke*. Firenze: Nella stamperia Mouchiana, 1752, 6 vols.; *Bibliotheca classico pittorica per uso degli artisti. Raccolta per cura di Giuseppe Vallardi*. Milano: Presso P. e G. Valla, 2 vols.

16 *Serlio – cinque libri d'architettura*. Venetia: Pietro Niccolini de Sabbio, 1551, 1 vol. (transferido da Biblioteca Pública); *Serlio (Tutte l'opere d'architettura di Sebastiano Serlio Bolognese)*. Venetia: Francesco de Franceschi, 1584, 2 vols. Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: "compras de Henrique José da Silva (espólio)".

17 *Jacomo Barrozo Vignola*. Roma: G.B. Rossi, 1 vol.

18 Bibiena (Fernando Galli) – *architettura*. Bologna: Lelio della Volpe, 1745, 1 vol.; *Direzioni della prospettiva teorica de Ferdinando Galli Bibiena*. Bologna: Lelio della Volpe, 1753, 1 vol. Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: "compras de Henrique José da Silva (espólio)".

19 *Nuovo Corso d'Architettura civile, de Antonio Cinese*. Firenze: Presso Vicenzo Batelli e figli, 1835 (oferecido pelo Sr. Antonio Batista Rocha); *Principii di Architettura civile de Francisco Milii* [deve ser Milizia]. Bassano: Tipog. Giuseppe Rimondini e figli, 1823, 3 vols. (oferecido por Antonio Batista Rocha).

20 *Monumneti antichi inediti spuegati ed illustrati da Giovanni Winckelmann*. 2.ª edição; *Ricerche sopra un Apolline della villa dell' Eminentissimo Sig. Cardinale Alessandro Albani. Da servire di supplemento all'opera del monumenti antichi inediti de Gio Winckelmann*. Del P. Stefano Raffei, 1 vol.

21 *Biographie des plus célèbres architectes de 1.050 à 1.800 par Quatremère de Quincy*. Paul Renouard Julis, 1830, 2 vols.

22 Percier et Fontaine. *Palais, maisons de Rome, etc. etc.* Paris: Baudouin, 1798, 1 vol. (oferecido por F. E. Taunay); Grandjean de Montigny et Tanun. *Architecture Toscane*. Paris: Didot ainé, 1815, 1 vol. (transferido da Biblioteca Pública); *Monuments et ouvrages d'art antique restitués, etc. etc. par Quatremère de Quincy*. Imprimerie de Rignoux, Jules Renouart librairie, 1839, 2 vols.

Sobre escultura, há uma obra sobre anatomia do corpo humano<sup>23</sup>, o tratado de Cellini<sup>24</sup>, e livros com coleção de esculturas dos museus romanos<sup>25</sup> e com as obras de Thorwaldsen<sup>26</sup>.

Já os livros de viagem compreendem vários lugares, tanto da Grécia antiga<sup>27</sup>, quanto da Itália mais recente<sup>28</sup>, incluindo uma edição brasileira<sup>29</sup>.

Temos, ainda, uma obra ilustrada de literatura – a *Eneida* de Virgílio<sup>30</sup> –, assim como uma coleção sobre a história romana<sup>31</sup>.

Por esta amostragem dos livros da Biblioteca da Academia sobre a cultura clássica antiga e italiana do Renascimento, verificamos a importância que era dada no ensino artístico para o estudo das obras da Antiguidade Clássica, dos tratados de caráter referencial do Renascimento (Serlio, Vignola, Cellini, Vasari, entre outros), de livros recentes com releitura da arte antiga (como Winckelmann), das obras dos artistas considerados como os grandes mestres do Renascimento (como Rafael e Michelangelo) e dos tratados técnicos de perspectiva e anatomia.

Estes temas eram fundamentais para introduzir os jovens artistas na grande tradição da arte ocidental – ponto de partida de qualquer processo de formação artística. Além disso, eram importantes os registros de viagem e de indumentária, a história e a literatura – que forneciam temas regulares para os exercícios didáticos como forma de preparação, sobretudo para a prática da pintura histórica<sup>32</sup>.

A presença majoritária da temática clássica – seja da Antiguidade, seja do Renascimento – evidencia a supremacia da matriz italiana no pensamento artístico da Academia carioca na primeira metade do século XIX – o que ainda vai perdurar por boa parte da segunda metade.

## 5. Livros referentes à cultura francesa

São 35 livros sobre cultura francesa, sendo um geral sobre Belas Artes; quinze de pintura e escultura; seis de arquitetura; dois de medalhística; um de gravura; quatro livros de viagem; um de literatura; quatro de história, geografia, história natural e filosofia; e um sobre indústria.

Começamos pela obra geral de referência: um dicionário de Belas Artes<sup>33</sup>. É interessante observar como nestas obras contemporâneas francesas a expressão Belas Artes já aparece consolidada.

Entre os livros de pintura e escultura, temos tratados de anatomia<sup>34</sup> e de perspectiva<sup>35</sup>; obras sobre a arte

23 *Um Caderno – Proportions du Corps humain sur les statues antiques* par Gerard Audran. Paris, 1 vol.

24 *Due trattati di Benevenuto Cellini, scultore Fiorentino*, 1 vol.

25 *Collection de statues et bas-reliefs des divers museums de Rome, Florence, etc.*, 1 vol. (Oferecido por F. E. Taunay).

26 *Intera collezione di tutti le opere dal Cav. Alberto Thorwaldsen* (só o 1º volume).

27 *Lechevallier, voyage dans la Troade*. Paris: Larán, an. VII, 1799, 1 vol. (oferecido por F. E. Taunay); *Vues des sites les plus célèbres de la Grèce antique* (oferecido por Butenwal).

28 *Compendio del viaggio pittorico della Toscana*, 2 vols; *La Svizzera pittoresca e suoi dintorni*, por A. Martin, 2ª ed., 1 vol; *Pisa illustrata nell'arti del disegno da Alessandro da Morrona*. Livorno: Presso Giovanni – Maragnih, 1812, 3 vols. (Oferecido por M. Araújo Porto-Alegre); *Fregi trovati da Gior. Batta Ferrari*. Firenze: Rodolfi, 1833, 1 vol.

29 *Esboços da cidade de Nápoles*. Rio de Janeiro: Heaton Piensbure, 1846, 1 vol.

30 *L'Eneide di Virgilio, tradotta da Clemente Bondi, inventata ed incisa all'acquaforte da Bartolomeo Pinelli*. Roma: Presso Luigi Faoci, 1 vol.

31 *Dezesseis volumes de História Romana par Rollin*. Paris: Les freres Etienne, 1769, 16 vols. (Oferecido por Job).

32 PEREIRA, 2005; PEREIRA, 2007: 530-545.

33 *Dictionnaire des beaux-arts*, par A. L. Millin. Poaris: Crapelet, 1806. 3 vols. (Oferecido por F. E. Taunay).

34 *Anatomie des formes exterieures du Corps humain, par P. N. Gerdy*. Paris: Imprimerie le Basson – Bruxelles. 1 vol.; *Études des Passions appliquées aux Beaux-arts, par I.B. Delestre*. Paris, chez Joubert librairie edit, 1833. 1 vol.

35 *Elements de perspective pratique par P. H. Valenciennes*. Paris: L.T. Cellot, 1820. 1 vol. (oferecido por F. E. Taunay); *Traité de perspective linéaire à l'usage des artistes par Ch. Cloquet*. Paris: Aimé Andre, 1823. 1 vol. (Oferecido por F.E. Taunay); *Traité de perspective linéaire simplifiée para Mme. Adèle Lebreton*. Paris: Paul Rénouard, 1828. 2 vols. (Oferecido por F. E. Taunay).

francesa contemporânea – chamada de escola moderna<sup>36</sup>; sobre museu na França<sup>37</sup> e sobre a escultura de Versailles<sup>38</sup>; vários livros sobre retratos<sup>39</sup>, indumentária<sup>40</sup>, e pintura ou escultura de ornamentos<sup>41</sup>.

É interessante observar que há, no conjunto, uma obra sobre gravura<sup>42</sup> e duas sobre medalhística<sup>43</sup>. Estas últimas serviam, naturalmente, ao Curso de Medalhística, que não constava do projeto original da Academia, mas foi criado certamente em razão da presença do escultor e medalhista Zeferino Ferrez, que atuava em conjunto com a Casa da Moeda. Já o Curso de Gravura, embora previsto no plano inicial da Academia, não chegou a ser implantado, em parte devido ao regresso do já mencionado gravador Charles Pradier à França em 1818.

Em relação à arquitetura, temos obras técnicas sobre estruturas de madeira<sup>44</sup>, teatros<sup>45</sup> e construções militares<sup>46</sup>. Há livros sobre arquitetura francesa do passado, tanto antigo<sup>47</sup>, quanto recente<sup>48</sup>. E o tratado teórico de Félibien, que é exemplar do pensamento da Academia Real de Arquitetura de Paris<sup>49</sup>.

Outro grupo é formado por livros de viagem, tanto como simples registro<sup>50</sup>, quanto ao seu uso para estudos hidrográficos<sup>51</sup> ou de história natural<sup>52</sup>.

Há apenas um livro de literatura, mas é interessante observar que é traduzido para o português em edição brasileira<sup>53</sup>; algumas obras de filosofia, história, geografia e história natural<sup>54</sup>; além de um livro sobre indústria<sup>55</sup>.

Analisando este conjunto de livros sobre a cultura francesa, ficam evidentes alguns tópicos.

Um primeiro aspecto aparece na comparação entre os grupos das chamadas Belas Artes – arquitetura, escultura e pintura: é evidente a diferença especialmente entre a arquitetura – mais tradicional, voltada para os exemplos e teorias do passado acadêmico francês –, enquanto na pintura já está aparente o interesse pela arte do momento, isto é, do início do século XIX, chamada, inclusive, de escola moderna – que, pelas

36 *Annales du Musée et de l'école moderne des Beaux-Arts par C. P. Landon*. Paris, an. IX, 1801, 32 vols.; *Dictionnaire des artistes de l'Ecole Française au XIX siècle para Ch. Gabet, peintre*. Mme. Vergne, Imprimerie Marchand du Breuil, 1831, 1 vol. (Oferecido por F. E. Taunay).

37 *Le Musée Français – explications des sujets et des cours par Croze Magnan, par Robillard Peronville et Saurent*. Paris: L.E. Herhan, an. XI 1803, 5 vols. (procedência: Biblioteca de S. M. El Rei D. João VI).

38 *Thomassin – Recueil des figures, groupes, themes etc. de Versailles*. Paris, 1694, 1 vol. Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: "compras de Henrique José da Silva (espólio)".

39 *Portraits de tous les souverains de l'Europe etc. par Mme. Meyer*. Paris: 1818, 1 vol. (transferido da Biblioteca Pública); *Portraits divers recueil*, 1 vol. (oferecido por F. E. Taunay): quatro exemplares.

40 *Récueil des costumes Français depuis Clovis, etc. par Beauhier et Rathier*. Paris: Firmin Didot, 1810, 4 vols. (Oferecido por F. E. Taunay).

41 *Le Guide de l'ornemaniste par Charles Normand*. Paris: Chez l'Auteur, 1826, 1 vol. (Oferecido por Joaquim Lopes Cabral).

42 *Oeuvres de Callot et Bella recueil*, 1 vol. (oferecido por F. E. Taunay).

43 *Collection de médailles du regne de Louis XV par G. R. Fleuremont*, 1 vol. (Oferecido pelo Sr. Zeferino Ferrez); *Médailles du Regne de Louis XV*. Paris, 1 vol. (Oferecido por Zeferino Ferrez).

44 *Traité sur l'art de la charpente par Krefft*. Editor M. A. Somet, 1 vol

45 *Architectonographie des Theatres par Alexis Dousast et Orgiazzi, continué par Jacques Auguste Kauffmann, architecte*. Paris: Chez L. Mathias, 1837, 1 vol. (Oferecido por Joaquim Lopes Cabral).

46 *Beaujean, Collection de toutes les espèces de batiments de guerre*. Paris, 1814, 1 vol (incomplet). (Oferecido por F. E. Taunay).

47 *Antiquités de la France – monuments de Nismes, par Clerisseau. Texte historique et explicatif par I. G. Legrand, par Clerisseau*. Paris: P. Didot, an. XII, 1804, 2 vols. (Oferecido por F. E. Taunay).

48 *Architecture de Bullet*. Amiens: Boudon Caron, 1831, troisième édition, 1 vol.

49 *Félibien – Des principes de l'architecture*. Paris: Veuve Coignard et fils, 1697, 1 vol. Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: "compras de Henrique José da Silva (espólio)".

50 *Voyage autour du monde par mers de l'Inde exécuté sur la Corvette la Favorite – texte*. Paris: Imprimerie Royale, 1833, 4 vols. (Oferecido por Ilio de Butenwal).

51 *Atlas hydrographique du même voyage de l'Album pittoresque de feuilles 73*. In folio, 1 vol. (Oferecido pelo Sr. Butenwal); *Atlas hydrographique de la Corvette l'Astrolabe – voyage autour du monde*. In folio. Paris: publié par J. Tartin., 1833, 1 vol. (Oferecido por Butenwal).

52 *Atlas de l'histoire naturelle du voyage autour du monde exécuté sur la Fregate la Venus*. Paris: Chez Gide editeur, 37? Livraison, 1 vol. (Oferecido por Butenwal).

53 *Tancredo de Voltaire*, traduzido em versos pelo Sr. M. Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Laemmert, 1839, 1 vol. (Oferecido por F. E. Taunay).

54 *Dictionnaire universel de Geographie par M. N. Bouillet*. Paris: L. Hachette, 1845, 1 vol.; *Oeuvres d'histoire naturelle et de Philosophie de Charles Bonnet*. Samuel Tauche Neuchatel, 1779, 10 vols. (Oferecido por F. E. Taunay); *Almanach Royal et National pour l'an 1845*. Editor Guyot et Scrib, 1 vol.; Institut Imp. de France, 1815. Firmin Didot, 1815, 1 vol. (Oferecido por F. E. Taunay).

55 *Discours sur l'industrie par le Baron Charles Dupin*. Paris: Tain, 1825, 2 vols.

datas das edições (1801 e 1831), correspondia certamente ao neoclassicismo e ao romantismo. Esta mesma relação pode ser feita na produção artística produzida pela Academia carioca na época. Enquanto a arquitetura, liderada pelo professor Grandjean de Montigny, segue um neoclassicismo estrito, os pintores mais rapidamente atuaram num campo mais complexo em que soluções neoclássicas e românticas se alternam: isto é evidente na obra dos franceses Debret e Nicolas Taunay, assim como nos alunos brasileiros, como Manuel de Araújo Porto-Alegre<sup>56</sup>.

Um segundo aspecto também já havia surgido no grupo anterior – o de temática voltada para o classicismo antigo e renascentista italiano: a importância dos tratados técnicos e teóricos. Entre estes, gostaria de chamar especial atenção para o livro *Études des Passions appliquées aux Beaux-Arts* – certamente utilizado na disciplina Fisiologia das Paixões. Seguindo a tradição de arte figurativa estabelecida pelo Renascimento, a sua função é, como dizia Alberti, narrar história. Como contar uma história, que se desenvolve temporalmente, no espaço estático da escultura e da pintura? Como passar ao espectador o clima emocional que envolve a história através de um meio artístico que só conta com a modelagem do volume, num caso, e a pintura num plano bidimensional, no outro caso? Isto só poderia ser possível através da postura corporal, com ênfase especial nas expressões faciais. Portanto, na formação dos jovens artistas, são inúmeros os exercícios do corpo humano – em variadas atitudes –, assim como estudos de rosto com diferentes expressões: dor, alegria, espanto, medo entre outras<sup>57</sup>.

Um terceiro aspecto sobre o conjunto relativo à cultura francesa é a presença de livros de temáticas variadas – livros de viagens, literatura, filosofia, história, geografia, história natural – evidenciando que a preocupação da Academia não era apenas dar uma formação técnica, mas sim integrar o jovem artista no conhecimento mais amplo da cultura ocidental. Estaria, desta maneira, cumprindo o papel próprio de uma academia e não de uma simples oficina.

Assim, a influência francesa que neste Catálogo de c. 1850 já é bastante visível, tenderá a aumentar na segunda metade do século – sempre identificando os modelos franceses como uma espécie de modernização da grande tradição europeia. Formava-se, então, uma genealogia respeitável: os antigos greco-romanos, depois os italianos da Renascença e, naquele momento, a arte francesa.

## 6. Livros sobre Portugal e Espanha

A única obra de origem portuguesa no Catálogo trata de retratos<sup>58</sup>. Este livro, com modelos de figuras históricas notáveis, vem reforçar outras obras no gênero que já apreceram nos grupos anteriores. Constituíam uma referência importante para o ensino na Academia na prática de retratos – gênero tão importante quanto a pintura histórica naquele momento.

Em relação à Espanha, há três livros: um mais genérico<sup>59</sup> e dois sobre artistas espanhóis<sup>60</sup>. É interessante observar que a presença na Biblioteca da Academia de obras sobre arte espanhola já na primeira metade do século XIX parece ter influenciado muito pouco a prática dos artistas, pois não encontramos nos exercícios escolares desta época nenhuma cópia de mestres espanhóis, que só serão realizadas na segunda metade

56 PEREIRA, 2006: 128-141.

57 PEREIRA, 2008a: 350-361.

58 Oito Cadernos da obra periódica intitulada: *Retratos e bustos dos varões e Donas, etc.* e três da obra periódica intitulada *Retratos dos grandes homens*. Lisboa, 1806, 1 vol. (Oferecido pelo visconde de S. Leopoldo).

59 *Spanish Scenery by G. Vivian, esqre*. London: Colnaghi et Ce. Pall-Mall e Art, 1838, 1 vol.

60 *El Museu pictórico y escala óptica, con noticias, elogios e vidas de los pintores y scultores eminentes Españoles para A. Palomino de Castro y Velasco*. Madrid, 1724, 2 vols.; *Notice sur les principaux peintres de l'Espagne par Louis Viardot – ouvrage servant de textes aux gravures de la Galerie Aguado*. Paris: Gavard, 1839, 1 vol. (Oferecido por Wenceslau Antonio Ribeiro, cônsul do Império em Barcelona).

do século, como por exemplo, da *Sagrada Família* de Murillo<sup>61</sup> e da *Rendição de Breda* de Velásquez<sup>62</sup> – um número muito reduzido, se comparado à grande quantidade de cópias da escola italiana e, em menor número, da escola francesa.

## 7. Livros referentes ao Brasil

Finalmente, chegamos ao último grupo de obras sobre o Brasil, que apresenta temática muito variada: uma obra de música<sup>63</sup>; uma de geografia<sup>64</sup>; uma de genealogia<sup>65</sup>; duas sobre flora e fauna<sup>66</sup>; uma sobre o Rio de Janeiro<sup>67</sup>; e outra sobre a Pinacoteca da Academia<sup>68</sup>.

Os primeiros títulos deste grupo devem-se, naturalmente, à preocupação da Academia – já comentada antes – de formar o aluno com uma compreensão mais ampla da cultura ocidental e não apenas nas técnicas artísticas. Mas acredito que seja necessário discutir um pouco mais os últimos títulos.

Em geral, a historiografia da arte brasileira tem enfatizado a predominância da pintura histórica e do retrato em grande parte do século XIX, seguindo estritamente os padrões europeus, em contraste com o menor número de paisagens e naturezas-mortas. Ressalta-se, sobretudo, a dificuldade da cultura brasileira, como um todo, em valorizar, naquele momento, uma natureza, como a nossa, tão diferente da européia. Assim, mais do que os brasileiros, são os estrangeiros – viajantes e/ou naturalistas – que se dedicam, em maior escala, ao registro da paisagem, da fauna, da flora e mesmo do homem comum – vistos, de um lado, pelo ângulo do exotismo e do pitoresco ou, por outro lado, através do interesse científico. De qualquer maneira, não deixa de ser interessante verificar que, nas suas primeiras décadas de existência, a Academia já possuía em sua Biblioteca compêndios sobre a flora local – como a *Flora Fluminense* – e álbuns com vistas da cidade – *Rio de Janeiro Pitoresco por L. Buvelot et A. Moreau* – estes editados no Rio de Janeiro por firmas de estrangeiros estabelecidos no país<sup>69</sup>.

É importante acrescentar que, apesar da arte brasileira apresentar, nesta primeira metade do século XIX, uma aparência tão européia, a questão da escola brasileira é discussão constante entre intelectuais e artistas – incluindo o próprio Félix-Émile Taunay e, mais tarde, Manuel de Araújo Porto-Alegre, ambos diretores da Academia. Naquele momento, a existência de uma arte brasileira é colocada como uma construção futura, que deveria ter base sólida na grande tradição artística ocidental, mas abrindo gradativamente para as especificidades do país. Assim, é a primeira geração romântica dos anos 1830 que começa a abrir espaço para esta discussão que, de certa forma, perdura até os dias de hoje.

61 Acervo do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ.

62 Acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

63 *Dois Cadernos de um hymno e um Te-Deum para o dia da Coroação por J. Facchinetti – Um tratado de contraponto pelo mesmo*. Pernambuco, 1843, 3 vols. (oferecido pelo autor).

64 *Tratado completo de cosmografia e geografia histórica, phisica e comercial antiga*. Por J. P. C. Casado Giraldes, 4 vols.

65 *Atlas genealógico*. Rio de Janeiro, 1 vol.

66 *Flora Fluminenses*. Ex-off. Lith. Senefelder. Parisiis, 1827, 5 vols. (transferido da Biblioteca Pública); *Oiseaux remarquables du Brésil – Descourtils*. Rio de Janeiro: Heatons et Rensbourg, 1 vol.

67 *Dois Cadernos do Rio de Janeiro pitoresco por L. Buvelot et A. Moreau*. Rio de Janeiro, 1 vol.

68 *Seis Cadernos da Galeria contemporânea Brasileira por F. R. Moreau*. Rio de Janeiro, 1 vol.

69 PEREIRA, 2008d.



## Fontes e Bibliografia

- ARQUIVO DO MUSEU D. JOÃO VI / EBA / UFRJ – *Atas da Congregação da Academia Imperial de Belas Artes*, 1834-1851.
- GALVÃO, Alfredo, 1954 – *Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil.
- GALVÃO, Alfredo, 1957 – *Catálogo da Biblioteca com indicação das obras raras ou valiosas*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Belas Artes / Universidade do Brasil.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2005 – “Repensando alguns conceitos do sistema acadêmico: desenho, composição, tipologia e tradição clássica”. *Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, CDROM.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2006 – “História, arte e estilo no século XIX”. *Revista Concinnitas*. Vol. 8, p. 128-141.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2007 – “As tipologias da tradição clássica e a pintura do século XIX no Brasil”. *Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 530-545.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2008a – “A arte e os escritos sobre arte no século XIX no Brasil: a coleção do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ”. *Anais do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, p. 350-361.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2008b – “A Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro” in IPANEMA, Rogéria de (org.) – *D. João VI e a Cidade do Rio de Janeiro: 1808-2008*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, p. 383-398.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2008c – “A revisão historiográfica da arte do século XIX e os eventos comemorativos dos 200 anos da chegada de D. João ao Brasil: o exemplo de Henrique José da Silva”. *Anais do XXVIII Colóquio Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 237-245.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2008d – *Arte Brasileira no Século XIX*. Belo Horizonte: Editora Com/Arte.
- PEREIRA, Sonia Gomes, 2008e – *O Novo Museu D. João VI*. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/UFRJ.